

OS MUSEUS ORGÂNICOS DO CARIRI CEARENSE NA PAISAGEM CULTURAL DA CHAPADA DO ARARIPE

Naudiney de Castro Gonçalves¹

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19980997>

RESUMO:

Apresentamos neste artigo uma interpretação da Chapada do Araripe a partir do conceito de Paisagem Cultural e da existência de um circuito de museus orgânicos ao sul do estado do Ceará-Brasil. Além de suas especificidades geomorfológicas, a região é reconhecida como um ponto de confluência sociocultural. São apontados aspectos identitários observados nos espaços musealizados, com a intencionalidade de transmitir a memória dos diferentes grupos através das práticas intangíveis e dos suportes materiais que fazem referência à ancestralidade coletiva. A metodologia deste trabalho consiste em uma pesquisa historiográfica realizada junto aos arquivos da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e da Fundação Casa Grande, com o objetivo de interpretar este lugar enquanto paisagem cultural em um momento em que a chancela da Paisagem Cultural é homologada no Ceará e a candidatura da Chapada do Araripe enquanto patrimônio cultural e natural da humanidade é proposta em um esforço multi-institucional junto à UNESCO. Ao final, compreendemos o sistema dos museus orgânicos enquanto um esforço conjunto para a promoção das políticas de preservação do patrimônio cultural da região.

Palavras-Chave: Chapada do Araripe; Paisagem Cultural; Museus Orgânicos.

ABSTRACT

In this article, we present an interpretation of the Chapada do Araripe from the concept of Cultural Landscape and the existence of an organic museum circuit in the south of the state of Ceará-Brazil. Besides its geomorphological specificities, the region is recognized as a point of socio-cultural confluence. Identity aspects observed in the museum spaces are pointed out, with the intentionality of transmitting the memory of different groups through intangible practices and material supports that make reference to the collective ancestry. The methodology of this work consists of a historiographical research carried out with the archives of the Secretary of Culture of the State of Ceará and the Casa Grande Foundation, with the aim of interpreting this place as a cultural landscape in a moment in which the seal of the Cultural Landscape is homologated in Ceará and the candidacy of the Chapada do Araripe as a cultural and natural heritage of humanity is proposed in a multi-institutional effort with UNESCO. In the end, we understand the organic museum system as a joint effort to promote policies for the preservation of the region's cultural heritage.

Keywords: Chapada do Araripe; Cultural Landscape; Organic Museums.

¹ naudineycg@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao tratar dos conceitos sobre a Paisagem Cultural, é possível observar no sítio eletrônico do ICOMOS o significado que o termo patrimônio cultural passou a ter no contexto da década de 1970 e que apenas nos anos 1990 “paisagem cultural” surgiria enquanto uma nova categoria de preservação. “Em 1992, o Comitê do Patrimônio Mundial, em sua 16ª sessão realizada nos Estados Unidos, cria uma categoria para incluir a noção de paisagem cultural na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO”²

Contudo, já no início da década de 1960, Manuel Correia de Andrade afirmava, ao contemplar os sertões do Nordeste brasileiro, que na Chapada do Araripe desenvolveram-se as condições ideais para o surgimento de “paisagens culturais” no Cariri cearense.

A existência de mais de uma centena de fontes, em área de onze municípios com extensão inferior a 10.000 km², dá origem a uma série de riachos perenes e à existência de uma área de solos mais produtores, fazendo com que a sub-região [do Cariri] seja uma ilha agrícola no meio da caatinga. Havia primitivamente nessa região uma vegetação florestal que após o século XVIII foi sendo derrubada à proporção que o povoamento se adensava e a agricultura se desenvolvia. Culturas adaptadas às regiões úmidas, como a cana-de-açúcar e o café, foram-se desenvolvendo, dando margem ao surgimento de paisagens culturais que constituem um verdadeiro contraste no Sertão. Nas proximidades de Barbalha, por exemplo, os canaviais se desenvolvem ao lado de imponente babaçual, havendo como que um encontro entre as paisagens do Leste pernambucano e as dos cocais maranhenses. (Andrade, 1986, pp. 36-37)

A categoria paisagem cultural foi criada na década de 1990 pela UNESCO durante o processo de inscrições de bens culturais e naturais na Lista do Patrimônio Mundial e no ano 2000 foi estruturada a Convenção Europeia da Paisagem. No Brasil, a chancela foi criada em 2009, a partir da Portaria nº 127 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. De acordo com o seu artigo primeiro: “Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”.

Sua característica fundamental é a ocorrência, em fração territorial, do convívio singular entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais, numa relação complementar entre si, capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um deles

² <https://www.icomos.org.br/paisagens-culturais>. Acessado em 24.04.2023.

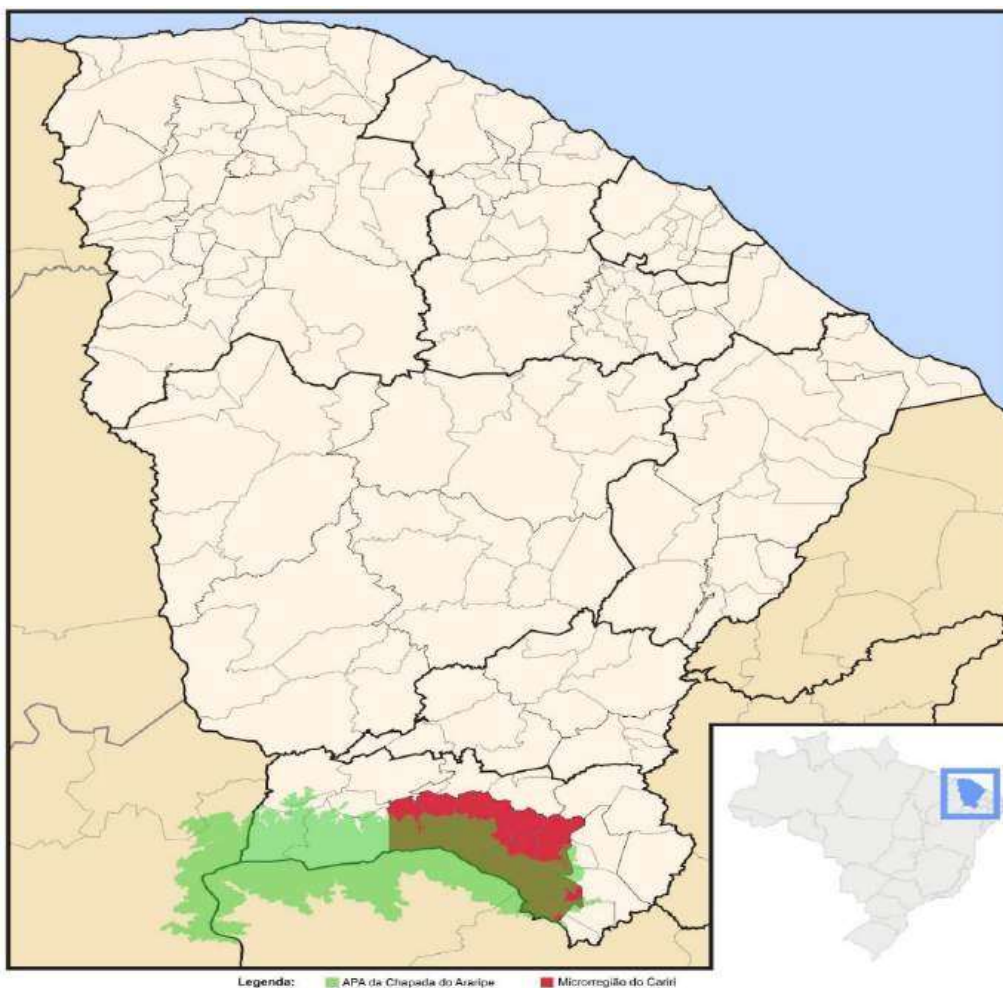
isoladamente. (Ribeiro, 2007, p.7)³

Apresentamos o Cariri cearense e a Chapada do Araripe a partir do conceito de Paisagem Cultural ao contemplarmos as suas especificidades geomorfológicas, ambientais e de bens culturais e reconhecemos o seu valor excepcional, a partir da análise do seu espaço natural e de sua história, memória e identidade.

A Área de Proteção Ambiental da Chapada do Araripe (destacada em verde na imagem 1) teve o seu primeiro marco regulatório com a criação do Decreto-Lei Nº 9.226, de 2 de maio de 1946, que criou a Floresta Nacional do Araripe-Apodi. Já a Microrregião do Cariri (destacada em vermelho na imagem 1) pode ser interpretada como uma construção identitária, desde as narrativas dos relatos de viajantes do século XIX até as políticas públicas atuais efetivadas pelos governos municipais, estadual e federal.

Imagem 1: a Chapada do Araripe e o Cariri cearense

³ Característica fundamental da categoria “paisagem cultural” de acordo com Luiz Fernando de Almeida, Presidente do IPHAN. In: RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007. p. 7.



Fonte: <http://docplayer.com.br/45245586-O-cariri-natural-apontamentos-sobre-a-identidade-caririense.html>. Acesso em 02 jul. 2023⁴

A PAISAGEM CULTURAL DA CHAPADA DO ARARIPE

A chamada área do sertão do Nordeste se estende desde as proximidades da margem direita do Rio Parnaíba, no seu extremo norte, até o Rio Itapicuru, no seu extremo sul, abrangendo as terras centrais dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, numa extensão territorial de cerca de 670.000 quilômetros quadrados, segundo os cálculos dos técnicos da Inspeção de Obras Contra as Secas. (Castro, 1984, pp. 174-175.)

Ao considerarmos os aspectos deletérios do desenvolvimento humano, como as ameaças à preservação do patrimônio ambiental e cultural, observamos os museus orgânicos enquanto marcos da presença humana na Chapada do Araripe, de como se estabeleceram as relações de subsistência,

⁴ SILVA, Leandro Maciel. *O Cariri natural: apontamentos sobre a identidade caririense*. In: XV Encontro Estadual de História “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”, 2014, Florianópolis. Anais...Florianópolis: UFSC, 2014. p 1-7. p.3.

as expressões de suas sociabilidades e as celebrações de sua ancestralidade.

A Microrregião do Cariri cearense é abarcada pela Chapada do Araripe e pode ser interpretada como uma construção identitária. Ao rememorar o episódio da aquisição de uma das primeiras máquinas de beneficiamento de algodão do Cariri pelo Padre Cícero, o professor Régis Lopes demonstrou alguns aspectos do início da industrialização ao sul do Ceará e apresentou as aproximações dos discursos desenvolvimentistas e dos que modificaram a paisagem ao sacralizar parte do território a partir da crença católica.

Falar, em tom conclusivo, que “o maior milagre do Padre Cícero é o progresso de Juazeiro” configurou-se como uma imagem fundante para grande parte dos moradores da cidade. O “milagre do progresso” é, desde as primeiras décadas do século até hoje, reapropriado das mais diversas formas: como autovalorização individual ou coletiva, definição da cidade e do Padre Cícero, defesa contra acusações de fanatismo ou banditismo, exaltação patriótica, marketing de políticos, comerciantes ou industriais; enfim, como sagrado e profano. (Ramos, 2014, p. 122)⁵

Ao apresentar um conjunto de simbolismos, códigos e significados, Rosiane Limaverde trabalhou a partir da perspectiva da Arqueologia Social Inclusiva para elaborar o trabalho de pesquisa e educação para o patrimônio desenvolvido pela Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, localizada no município de Nova Olinda, e que deu início aos Museus Orgânicos na região. De acordo com a arqueóloga, “a paisagem cultural da Chapada do Araripe é o resultado da interação homem-natureza, um verdadeiro caldeirão de existências e vivências que se desenrolaram ao longo de milhares de anos” (Limaverde, 2015, p. 100).

Ao se evocar a importância da Chapada do Araripe e o sentido de um Lugar Sagrado no contexto do homem do Nordeste como um local privilegiado, qualitativamente diferente dos outros, e que guarda uma qualidade excepcional, “única”, se faz necessário retornar ao tempo do mito, o que significa considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens cosmológicas que são solidárias e se articulam num “sistema” ao qual se pode chamar de “sistema de Mundo” das sociedades tradicionais. [...]

A Chapada do Araripe representa, no contexto geográfico do Nordeste, o Centro do Mundo, Espaço Vivido catalisador e sintetizador do universo mítico nordestino, numa verdadeira explosão de culturas que se manifestaram e se manifestam, nesse Lugar Sagrado para o homem habitante no passado e sagrado para o homem habitante no presente, como a Vapabuçu dos Kariri, Terra Sem Males dos Tupi, a Terra da Mãe das Dores dos sertanejos e das romarias do santo milagroso Padrinho Cícero (Limaverde, 2015, p. 101).

A referência à paisagem cultural do Cariri, incrustada no sertão do Nordeste brasileiro, se apresenta a partir da contemplação dos registros das interações humanas com o espaço e identificados a um nível institucional em suas dimensões materiais e imateriais. A busca pelo

⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

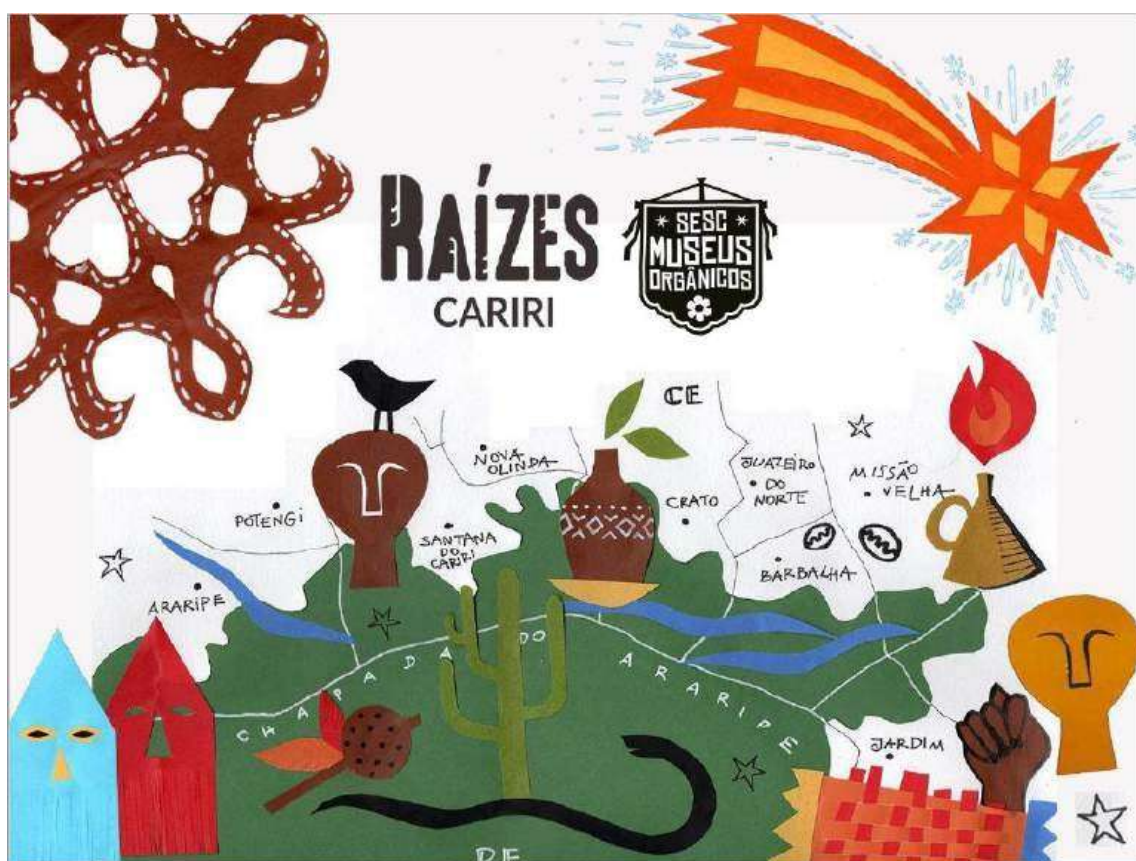
reconhecimento deste território, enquanto patrimônio cultural e natural da humanidade, demonstra a existência de uma consciência do seu valor excepcional e universal.

Em 11 de novembro de 2019 foi criado o Comitê Consultivo Intersectorial da Chapada do Araripe, com o objetivo de promover a sua candidatura junto à UNESCO. O Comitê foi criado após o Seminário Internacional realizado em agosto do mesmo ano nos municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Nova Olinda e contou com a parceria das respectivas Prefeituras, Governo do Estado, Fundação Casa Grande, Universidades, Geopark Araripe e Organizações Não Governamentais locais.

A Declaração de Compromisso da Chapada do Araripe⁶, carta elaborada ao final do Seminário, apresentou como premissa para a gestão e salvaguarda do patrimônio aspectos como “Manutenção e disponibilização das informações e acervos sobre o patrimônio para acesso da população”; “Realização, promoção e fomento das ações educativas e a articulação das áreas de patrimônio cultural, meio ambiente e turismo dentre outros campos da ação pública”, de modo a “Fomentar o reconhecimento da importância da preservação do patrimônio cultural”. Como objetivos, sugeriu “Criar canais de interlocução com a sociedade e com os setores públicos responsáveis pelo patrimônio”; “Aperfeiçoar as ações focadas nas expressões culturais locais e territoriais, contribuindo para a construção de mecanismos de apoio junto às comunidades, aos profissionais e gestores da área, às associações civis, às entidades de classe, às instituições de ensino e aos setores públicos, para uma melhor compreensão das realidades locais”, como forma de “Fomentar a apropriação, manutenção e valorização da identidade e dos aspectos históricos, culturais, artísticos e naturais locais, territoriais, regionais, nacionais, e internacionais, em prol do desenvolvimento sustentável e da melhoria da qualidade de vida”. Dentre as estratégias propostas, destacamos o “Mapeamento dos investimentos e políticas de fomento consonantes com as noções ampliadas de patrimônio, museologia social, educação dialógica, arte e cultura no Sistema Nacional de Patrimônio”; “Educação patrimonial como tema transversal e interdisciplinar”; “Garantia da manutenção do conceito gerador para o fortalecimento da identidade do projeto Casas do Patrimônio” e “Articulação com instituições de ensino e pesquisa, a partir de programas de colaboração técnica e convênios”.

Imagem 2: Representação da Chapada do Araripe e os municípios do Cariri cearense

⁶ Disponibilizada em: <https://www.araripepatrimonio.com.br/>. Acessado em 14.06.2020.



Fonte: Material de divulgação do SESC Museus Orgânicos.

OS MUSEUS ORGÂNICOS DO CARIRI CEARENSE

O museu é um lugar dinâmico. Para além da preservação de memórias, acontece neste espaço a construção da diversidade étnica e da alteridade, tão necessárias à aceitação das diferenças. (Gomes; Vieira Neto, 2009, p. 386)

Até a submissão deste artigo, os Museus Orgânicos do Cariri cearense estavam assim distribuídos, totalizando 15 museus:

- No município de Nova Olinda: Memorial do Homem Cariri; Museu do Ciclo do Couro Memorial Espedito Seleiro; Museu Casa de Antônio Jeremias; Museu Casa Oficina de Dona Dinha; Museu Casa Dona Toinha;

- No município de Missão Velha: Museu Oficina de Corrinha Mão na Massa; Museu Oficina Antonio Linard;

- No município de Potengi: Museu Casa do Mestre Antônio Luiz; Museu Casa Oficina do Mestre França; Museu Casa dos Pássaros do Sertão;

- No município do Crato: Museu Casa do Mestre Raimundo Aniceto; Museu Casa Mestra Zulene Galdino; Museu da Fotografia casa de Telma Saraviva;

- No município de Juazeiro do Norte: Museu Casa do Mestre Nena; Museu Casa do Doce João Martins.

De acordo com a definição do SESC, os Museus Orgânicos:

São expressões dinâmicas da criatividade humana. São cenários vivos e ativos da cultura e do saber fazer popular, abertos nas casas dos mestres que os receberam de herança de seus ancestrais e os mantêm autênticos.

Lugares inovadores de partilha da memória, os museus orgânicos são estruturas de conhecimento e de transmissão fértil e permanente da história, da cultura e das artes dos povos, nas suas mais particulares manifestações.

Expressões identitárias de um povo, hibridando todos os tempos e todas as linguagens das artes e da cultura popular, os museus orgânicos são as portas abertas que conduzem do passado para o futuro a história de um povo, construída e interpretada pelos seus verdadeiros obreiros, oferecendo uma narrativa de interface cultural de possibilidades amplas e de participada valorização territorial. (Museus Orgânicos, p. 7)

Os historiadores Alexandre Gomes e João Paulo Vieira abordaram em seu artigo “Museus e memória indígena no Ceará: a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos”, que os museus indígenas cearenses transformaram-se em “ferramentas de luta, organização comunitária e visibilidade étnica” (Gomes; Vieira Neto, 2009, p. 371). Ao analisarmos os museus orgânicos do Cariri cearense pudemos observar a indissociabilidade das discussões a respeito das políticas públicas para o patrimônio cultural imaterial. Compartilhamos com os autores, em relação às comunidades tradicionais, a ideia de que “Suas memórias são interpretadas de forma a justificar, no

presente, a conduta da comunidade em assumir-se herdeira de uma tradição que não se rompeu”. (Gomes; Vieira Neto, 2009, p. 376).

Infinitas são as atividades a serem desenvolvidas no espaço museal indígena: expressões ritualísticas, oficinas para reaprender e reinventar saberes esquecidos, espaço privilegiado para o trabalho com a história oral. Os guardiões da memória coletiva, os “troncos velhos”, podem narrar, para as novas gerações, suas lembranças e conhecimentos, a partir da cultural material e simbólica. O museu transforma-se num potencial vetor para dar visibilidade às diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória. (Gomes; Vieira Neto, 2009, p. 386)

A respeito das políticas públicas dedicadas ao patrimônio natural e cultural na região, destacamos o Inventário Nacional de Referências Culturais da Região do Cariri e o Mapeamento do Acervo Documental do Patrimônio do Ceará por meio do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, ambos realizados pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Ceará. A nível estadual, a Secretaria da Cultura do Ceará foi uma das pioneiras no Brasil a desenvolver ações voltadas para o patrimônio imaterial. Em 2003 instituiu a Lei nº 13.351 que trata do registro dos mestres da cultura tradicional popular do Ceará e em 2007 recebeu o Prêmio Culturas Populares, concedido pelo Ministério da Cultura por sua atuação e reconhecimento à categoria dos Tesouros Vivos.

O Projeto Cariri surgiu de um Termo de Cooperação Técnica celebrado entre a Superintendência do IPHAN no Ceará e a Universidade Regional do Cariri a partir de 2002. No contexto do debate promovido pelo Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN, a respeito do conceito de *paisagem cultural* e a partir de pesquisas prévias realizadas pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular na região, o Projeto Cariri lançou as bases para um mapeamento do patrimônio cultural seguindo as diretrizes do recém criado Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (Decreto nº 3.551/2000).

Em setembro de 2006 a Divisão de Ciências da Terra da UNESCO reconheceu o Geopark Araripe como o primeiro geoparque das Américas a partir da candidatura apresentada no ano anterior, pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Governo do Estado do Ceará e pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Esta certificação corrobora a nossa hipótese de que os Museus Orgânicos só são possíveis por estarem distribuídos em um território único, com um conjunto excepcional de manifestações culturais e que são contemplados por políticas públicas que reconhecem as suas práticas ancestrais.

HISTÓRIA E CULTURAS

O fato dos Museus Orgânicos estarem inseridos em uma região comprometida tanto com a salvaguarda, quanto com a comunicação de suas culturas ancestrais, vai ao encontro do que é defendido pela museóloga Cristina Bruno a respeito do “fato museal”:

“A consolidação do que delimitamos como fato museal pode ser identificada quando verificamos as facetas de um “fenômeno museológico”, um museu reconhecido como tal ou um processo museológico em franco desenvolvimento. Sob essa perspectiva, a construção desse fenômeno depende de procedimentos sistemáticos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), que exigem explícita reciprocidade com a natureza tipológica construída pelo fato museal e suas especificidades de pesquisa e gestão.

O conjunto desses procedimentos, desenvolvido como uma cadeia operatória, é a alavanca responsável pelo reconhecimento do mencionado fenômeno que, por sua vez, é vulnerável às necessárias capacitações profissionais, à aplicação de variadas técnicas e tecnologias e à aplicação de sistemáticas metodologias de avaliação. É o corpo que estrutura a noção de fato museal, estabelece caminhos e fronteiras para a valorização da musealidade e permite a compreensão das engrenagens dos processos de musealização”. (BRUNO, 2020, p. 23)

Imagem 3: Museu Casa do Mestre Antônio Luiz. Reisado de Máscaras



Fonte: Material de divulgação do SESC Museus Orgânicos.

Os museus orgânicos representam diferentes manifestações da cultura popular. A sede de muitos destes museus é o mesmo local onde essas manifestações ocorrem há várias gerações. A vocação dos Museus Orgânicos é proporcionar ao público a possibilidade de interagir com os detentores de saberes tradicionais no mesmo espaço onde eles residem e transmitem os seus saberes através da oralidade e das práticas cotidianas.

Ao abordarmos as interlocuções entre a Sociomuseologia e os processos museológicos, como o proposto por Cristina Bruno, concluímos que os Museus Orgânicos estariam inseridos nas discussões sobre “espaço/lugares/territórios” e “instituições/políticas públicas/cidadania”.

Compreendemos a correlação entre Museologia e cidadania a partir da dialética entre territórios da memória e memória dos territórios e a importância da cadeia operatória das ações de salvaguarda e comunicação no contexto da pedagogia museológica e da construção do olhar museológico. Ao nos apresentar o fato museal, o fenômeno museológico e o processo museológico, Cristina Bruno aborda as interligações entre as referências culturais, os territórios e as sociedades, além da relevância da interdisciplinaridade e do compartilhamento de responsabilidades na identificação dos capitais cultural, social e econômico do lugar. Desta forma, entendemos o “fato museal” como:

[...] a interlocução relacional entre o “Homem e o Objeto em um Cenário” que, para os dias atuais compreendemos que se trata das conexões estabelecidas entre as sociedades e/ou comunidades com suas referências culturais das mais distintas categorias e tipologias, em um território específico, que pode ser uma instituição museológica estabelecida ou uma paisagem cultural delimitada pela percepção museológica. (Bruno, 2020, p. 23)

Neste sentido, interpretamos o patrimônio cultural enquanto uma categoria de pensamento e o contextualizamos nas dimensões política, econômica e social. Ao abordarmos a Sociomuseologia e a preservação do patrimônio cultural em uma conjuntura interdisciplinar, tratamos de temas como memória e narrativas, arqueologia, paisagem cultural, arquitetura e cidade. Ao tratarmos do conceito de cultura material, nos aproximamos do universo da produção, circulação e consumo de bens culturais.

Relacionamos a memória social à memória dos objetos ao interpretarmos um território que incorpora tempo, espaço, cultura material e as representações sociais. Tratamos dos museus como mediadores entre as comunidades e o patrimônio cultural, identificamos os territórios simbolicamente delimitados e interpretamos a ressignificação destes por suas populações. Neste caso, aproximamos os Museus Orgânicos do conceito de Museu Integral, apresentado no contexto da Mesa-redonda de Santiago do Chile em 1972 e assim descrito por Tereza Cristina Scheiner:

Defendemos, aqui, que o Museu Integral se fundamenta não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase no trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu (ou seja, qualquer representação do fenômeno Museu) de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais. (Scheiner, 2012, p. 19)

Podemos observar a herança cultural do sertanejo ao visitarmos o Museu do Ciclo do Couro do Mestre Espedito Seleiro, no município de Nova Olinda, e percebermos como acontece a transmissão de um saber tradicional em sua família há cinco gerações. Em sua oficina, onde são produzidas peças como sandálias, bolsas, carteiras e gibões, o mestre artesão manuseia o couro da forma como foi ensinado por seus antepassados e, no mesmo local, recebe os visitantes e orienta os seus filhos no ofício do corte e criação das confecções.

Já no Museu Casa do Mestre Antônio Luiz, localizado no município de Potengi, é possível testemunhar as raízes daqueles que mantêm as celebrações do Reisado, uma festa popular brasileira também conhecida por Folia de Reis ou Festa de Santos Reis, festejado no dia 06 de janeiro, em referência aos três Reis Magos da tradição cristã. Em sua sala de visitas, além dos instrumentos musicais (violão, pandeiro, zabumba e triângulo), são expostas as máscaras dos brincantes feitas de couro, também chamadas de caretas: a Velha Quitéria, o Velho Bacurau, o boi, a ema, a burrinha, o urubu, o jegue, o carneiro e o cavalo, compondo o repertório de personagens.

Estes exemplos nos trazem uma reflexão sobre a importância da educação museológica no contexto atual e como as políticas públicas para o patrimônio cultural podem impactar diferentes públicos em suas relações com os espaços museais. Enquanto objetivos específicos dessas ações, destacamos o potencial educativo inerente aos museus, a construção do olhar museológico através da participação comunitária e a eficiência de uma gestão compartilhada, que também englobam ações como o turismo social e a economia criativa. Como vetores do desenvolvimento econômico local, os Museus Orgânicos ainda promovem a regularização dos transportes alternativos, a realização de eventos, a formação acadêmica, a difusão de pesquisas científicas e o turismo de base comunitária, com destaque para as hospedagens domiciliares, experiências gastronômicas, passeios ciclísticos e trilhas ecológicas aos sítios arqueológicos, paleontológicos e mitológicos.

CONCLUSÃO

Apresentamos a criação de um circuito museológico que atualmente fomenta a cultura, a memória e o turismo social na região do Cariri cearense brasileiro. A região sul do estado do Ceará propicia um mosaico cultural que pode ser abordado por várias áreas do conhecimento e tamanha riqueza de possibilidades desencadeou um processo de submissão de candidatura à UNESCO para o reconhecimento da Chapada do Araripe enquanto patrimônio cultural e natural da humanidade.

Ao abordarmos o circuito museológico dos Museus Orgânicos, compreendemos que o patrimônio se relaciona com outras áreas do conhecimento enquanto produto da ação humana, vinculando-se a elementos da cultura local e podendo ser analisado pela Sociomuseologia. Percebemos a abrangência dos estudos e a necessidade da interdisciplinaridade para o desenvolvimento da pesquisa ao debatermos exemplos de fomento, preservação e conservação de diferentes bens culturais do território analisado.

Contemplamos o patrimônio cultural da Chapada do Araripe a partir de bens materiais e imateriais que fazem referência e agregam identidade à memória de diferentes grupos, sejam esses bens artísticos, históricos, arqueológicos ou etnográficos. Diante deste contexto interdisciplinar, propusemos levantamentos bibliográficos, e de campo que levaram em consideração os expoentes das expressões culturais, dialogando com fontes históricas e arqueológicas e nos aproximando do campo da Sociomuseologia ao buscarmos compreender os Museus Orgânicos.

Compreendemos os espaços museológicos não apenas como arquivos físicos, com objetos, documentos em papel ou imagens, mas também como uma nova forma de comunicação, enquanto um espaço de sociabilidades e com uma ampla possibilidade de acesso aos mais diferentes conhecimentos para a formação dos indivíduos. O espaço museológico é considerado aqui como um campo de atuação sensível, ampliando a interpretação dos “lugares de memórias” e extrapolando a definição enquanto instituições portadoras de acervos e de preservação do patrimônio cultural, ao contemplar diferentes dimensões e múltiplas formas de linguagens, visando atender a um público diverso.

A abordagem interdisciplinar da Sociomuseologia nos apresentou reflexões e conceitos sobre identidades, cultura e memórias. Tratamos dos patrimônios culturais móveis e imóveis, ameaçados e protegidos, a dinâmica entre patrimônio material e imaterial, o patrimônio arqueológico e a abordagem sobre os espaços museológicos.

Ao final do primeiro quartel do século XXI a Chapada do Araripe é cobiçada como a nova fronteira agrícola brasileira. Em matéria publicada no sítio eletrônico de notícias “Brasil de

Fato”⁷, nos deparamos com o avanço das monoculturas da soja e do algodão em larga escala na região. A Área de Proteção Ambiental (APA) da Chapada do Araripe é conhecida como a “caixa d’água do Sertão” por conta de sua abundância de recursos hídricos, mas a manutenção dos seus aquíferos depende do equilíbrio ecológico local.

Os possíveis impactos ambientais decorrentes desse formato de expansão agrícola são associados ao histórico de queimadas, desmatamentos e uso indiscriminado de agrotóxicos já observados em monoculturas de larga escala que avançaram em biomas brasileiros, como o Pantanal e o Cerrado.

A busca pelo reconhecimento da Chapada do Araripe enquanto patrimônio cultural e natural da humanidade acontece em um momento em que representantes de um modelo predatório do agronegócio brasileiro se empoderaram através de forte *lobby* no Congresso Nacional, resultando em uma pauta política envolta em um apelo de desenvolvimento econômico, mas que negligencia a sustentabilidade ecológica e a permanência das comunidades locais.

Os Museus Orgânicos integrados à paisagem cultural da Chapada do Araripe representam as conquistas das Políticas Públicas para a cultura no Brasil e se configuram como guardiões das tradições e do meio ambiente.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia de. A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5a ed. São Paulo: Atlas, 1986.

ARAÚJO, N. S., DE SOUZA MELO, R., & DE SOUZA BRAGA, S. Museu e Sustentabilidade: pensar e agir sustentável a partir da proposta de criação do Museu Orgânico Salinas e Manguezais no município de Chaval, Ceará, Brasil. *Cadernos de Sociomuseologia*, 65(21), 55-64, 2023.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: entre abandono e destino. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 19-28, 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/03/04/chapada-do-araripe-avanco-de-monoculturas-e-visto-como-ameaca-a-caixa-dagua-do-sertao/>. Acessado em 05.03.2025.

CASTRO, Josué de. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Cadernos do CEOM, v. 27, n. 41, p. 9-22, 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. O desafio de musealizar a paisagem cultural. Revista Museu, 2016.

GOMES, Alexandre; VIEIRA NETO, João Paulo. Museus e memória indígena no Ceará: a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos. In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na mata do sabiá. Contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará/Imopec, p. 367-391, 2009.

LIMAVERDE, Rosiane. Arqueologia social inclusiva: A fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio Cultural da Chapada do Araripe. 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.

Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972 / José do Nascimento Junior, Alan Trampe, Paula Assunção dos Santos (Organización). – Brasília: Ibram/ MinC; Programa Ibermuseos, 2012.

MUSEUS ORGÂNICOS. Sesc-CE. 2021. Disponível em: https://www.sesc-ce.com.br/wp-content/uploads/2021/09/Livro_Museus-Organicos.pdf

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 15-30, 2012. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/48d3/b9b5657216e100186d35c2289e5b5ebdada8.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

SILVA, Leandro Maciel. O Cariri natural: apontamentos sobre a identidade caririense. In: XV Encontro Estadual de História “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”, 2014, Florianópolis. Anais...Florianópolis: UFSC, 2014.

